



SEÇÃO: ARTIGOS

## Uma cenografia parasita: estratégias do *Jornal da Cidade Online* para a corrosão do gênero jornalístico no Brasil

*A parasitic scenography: Jornal da Cidade Online strategies for the corrosion of the journalistic genre in Brazil*

**Ernani Cesar de Freitas<sup>1</sup>**  
[orcid.org/0000-0002-8920-9446](https://orcid.org/0000-0002-8920-9446)  
[nanicesar@terra.com.br](mailto:nanicesar@terra.com.br)

**Fernando Simões  
Antunes Junior<sup>2</sup>**  
[orcid.org/0000-0002-0626-0554](https://orcid.org/0000-0002-0626-0554)  
[feuantunes@gmail.com](mailto:feuantunes@gmail.com)

**Iverton Gessé Ribeiro  
Gonçalves<sup>1</sup>**  
[orcid.org/0000-0003-3712-6363](https://orcid.org/0000-0003-3712-6363)  
[info@lizfere.com](mailto:info@lizfere.com)

**Luis Henrique  
Boaventura<sup>1</sup>**  
[orcid.org/0000-0001-7760-0184](https://orcid.org/0000-0001-7760-0184)  
[luishboaventura@hotmail.com](mailto:luishboaventura@hotmail.com)

**Recebido em:** 24 dez. 2020.

**Aprovado em:** 29 set. 2021.

**Publicado em:** 27 jan. 2022.

**Resumo:** No contexto de migração para espaços digitais, em que eleições são afetadas pela acirrada colonização das redes sociais e o mercado se reformula para absorção de consumidores remotos, surge uma forma parasitária de capitalizar sobre a credibilidade do jornalismo tradicional. O objetivo deste trabalho consiste em analisar a cenografia do *Jornal da Cidade Online* e suas relações dialógicas e parasitárias com a imprensa tradicional para a construção de um *ethos* de jornalismo comprometido com a verdade na captação de público para seu mundo ético. O *corpus* é composto por excertos retirados do *Jornal da Cidade Online* e pelo layout do site. A pesquisa se caracteriza como descritiva, bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. Conclui-se que o *Jornal da Cidade Online* opera uma cenografia que parasita a identidade visual de jornais tradicionais como modelo enquanto opõe sua linha editorial como antimodelo, o que leva à projeção de um *ethos* de jornalismo legítimo que visa à incorporação do público ideologicamente alinhado ao jornal. Como contribuição, esta pesquisa oferece, através de uma perspectiva interdisciplinar, um diagnóstico inovador para o problema da desinformação que corrói a legitimidade de veículos tradicionais e a confiança do público no jornalismo enquanto fiscal combativo dos agentes do Estado.

**Palavras-chave:** Simulacro. Cenografia. Dialogismo. Jornalismo. Ethos.

**Abstract:** In the context of migration to digital spaces, where elections are affected by the fierce colonization of social networks and the market is reformulated to absorb remote consumers, a parasitic way of capitalizing on the credibility of traditional journalism emerges. The objective of this work is to analyze the scenography of the *Jornal da Cidade Online* and its dialogical and parasitic relations with the traditional press to build an ethos of journalism committed to the truth in attracting audiences to its ethical world. The corpus consists of excerpts taken from *Jornal da Cidade Online* and the website layout. The research is characterized as descriptive, bibliographic and documentary, with a qualitative approach. It is concluded that *Jornal da Cidade Online* operates a scenography that parasitizes the visual identity of traditional newspapers as a model while opposing its editorial line as an anti-model, which leads to the projection of a legitimate journalism ethos that aims to incorporate the public ideologically aligned to the newspaper. As a contribution, this research offers, through an interdisciplinary perspective, an innovative diagnosis for the problem of misinformation that undermines the legitimacy of traditional vehicles and the public's trust in journalism as a combative fiscal of State agents.

**Keywords:** Simulacrum. Scenography. Dialogism. Journalism. Ethos.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Feevale (Feevale), Novo Hamburgo, RS, Brasil.

## Introdução

Desde o ponto de entrada do homem na linguagem — oculto nas cortinas do passado — até o momento, as mudanças na realidade ôntica do mundo não devem ser comparadas às transformações causadas pela linguagem sobre o mundo. A linguagem possibilitou ao ser humano significar o mundo e transmitir com relativa precisão, ao longo do tempo e do espaço, informações sobre folhas e frutos, cometas e asteroides, formigas e fungos. A linguagem nos permitiu inclusive entender e expressar em materialidade linguística as relações parasitárias que existem entre os fungos (do gênero *Ophiocordyceps*) e as formigas, por exemplo. As formigas são infectadas pelos esporos dos fungos, no entanto, continuam suas atividades normalmente. Ao germinar no organismo da formiga, o fungo passa a se alimentar de suas estruturas musculares até assumir o controle do cérebro e da mandíbula do inseto, o que desencadeia movimentos desordenados e trêmulos. Por fim, a formiga se afasta do formigueiro e morre com a mandíbula cravada em alguma folha.

Paradoxalmente, a linguagem, que nos permite descrever e compreender o parasitismo biológico, se tornou ela própria uma espécie de mecanismo para alguns comportamentos parasitários nas sociedades humanas. Os efeitos de pulverização e viralização, trazidos com o advento da internet, potencializam esses fenômenos, em especial aqueles observáveis no campo da comunicação, como o jornalismo. Inúmeros são os canais e as páginas virtuais que hoje espelham o mundo à sua maneira. Com isso, os grandes veículos de comunicação se viram aturdidos pela avalanche de informações e desinformações que agora perpassam o fazer jornalístico. As agências de caráter partidário, elemento social que vem crescendo ao infiltrar-se na estrutura midiática nacional, solapam o terreno da mídia tradicional e comprometem a função social do jornalismo. Esse processo opera o que pode ser caracterizado, em aderência ao presente dossiê temático, como um deslocamento de legitimidade ou uma reorganização discursiva do que se entende, hoje, por

prática jornalística. Com vistas a desenvolver essa temática, elencamos o *Jornal da Cidade Online* como *corpus* de análise. Tal escolha se justifica pelas reacentuações que esse veículo midiático promove, uma vez que se vale dos estereótipos do jornalismo tradicional para dar legitimidade à sua voz no cenário comunicacional, ao mesmo tempo que desloca o discurso midiático para a arena do debate político partidário.

Diante dessa temática, definimos a seguinte questão norteadora: o *Jornal da Cidade Online* instaura uma ação parasitária na relação com instituições jornalísticas tradicionais, apropriando-se de traços da identidade visual e cenográfica cristalizada como cena validada de jornalismo sério, enquanto que, em sua linha editorial, promove a construção de uma cena enunciativa panfletária, cujo compromisso não é com os princípios do jornalismo tradicional, mas com a conjuntura ideológica e partidária da qual emerge. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a cenografia do *Jornal Cidade Online* e suas relações dialógicas e parasitárias com a imprensa tradicional para a construção de um *ethos* de jornalismo comprometido com a verdade na captação de público para seu mundo ético; escancara-se, contudo, para além dos moldes de instituição tradicional, sua tendência ideológica, causando um efeito corrosivo na confiabilidade dos aglomerados midiáticos relativamente neutros e sérios.

A base teórica que sustenta esse estudo conta um percurso histórico da consolidação do jornalismo no ocidente enquanto instituição que busca trazer a verdade a conhecimento público, em contraste com as mais diversas formas de parasitismo que a profissão sofreu ao longo do século, conforme estudos realizados por Bucci (2000, 2018, 2019) e outros. Na sequência, abordamos os preceitos teóricos que embasam o dialogismo e as práticas sociais de linguagem de acordo com Bakhtin (2009, 2011), além dos postulados de Maingueneau (2008a, 2020) sobre cena de enunciação, cenografia e *ethos*. Os procedimentos metodológicos pensados qualificam nossa pesquisa como descritiva, de base bibliográfica e documental com abordagem qualitativa.

O *corpus* deste estudo é constituído por três excertos de notícias retiradas da página oficial do *Jornal da Cidade Online*, além da apresentação imagética do jornal. A estrutura do trabalho compreende o percurso teórico sobre o jornalismo; as concepções implicadas no dialogismo; a exploração teórica sobre simulacro, cenografia e *ethos*; os procedimentos metodológicos e análise; por fim, as considerações finais.

## 1 Jornalismo, dialogismo e cenografia

A fundamentação teórica é composta por três seções: em 1.1, traremos um breve resgate histórico tanto do que levou o jornalismo a se tornar uma estrutura elementar para a manutenção social quanto dos processos corrosivos em curso para assaltar sua credibilidade. Em 1.2, buscamos no dialogismo e nas funções sociais da linguagem explicações para o parasitismo de instituições democráticas. Em 1.3, exploramos as noções de simulacro, cenografia e *ethos* para estabelecer as bases da análise discursiva.

### 1.1 Jornalismo hackeado: parasitismo do gênero e corrosão da credibilidade

A corrosão de estruturas referenciais do que constituiria o real, como a ciência, a fenomenologia e a observação objetiva dos fatos, desarticulou princípios basilares da coesão e do entendimento entre ideias e percepções distintas. Como resultado temos uma sociedade polarizada, que não consegue encontrar pontos convergentes, que pactuem por uma diminuição das desigualdades e de outras mazelas sociais de forma sistêmica. Presos em bolhas algorítmicas, os indivíduos se afastam cada vez mais dos espaços de alteridade, e as engrenagens que articulavam o viver em sociedade ficam à mercê da ação parasitária dos agentes da pós-verdade.

O termo pós-verdade surge da percepção de que "as democracias mais estáveis do planeta estariam ingressando em uma era em que os relatos sobre os acontecimentos perderam referência na verdade factual" (BUCCI, 2018, p. 22). A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a opção pelo

BREXIT no Reino Unido e, mais recentemente, a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil, seriam os sintomas de uma corrosão das estruturas democráticas causada pela pós-verdade. Os agentes da pós-verdade, enquanto promotores deste ambiente em que os fatos objetivos têm menos peso do que apelos emocionais ou crenças pessoais em formar a opinião pública, encontraram no jornalismo um hospedeiro propício para este efeito deletério.

Na biologia, parasita é todo organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e, não raro, causando-lhe dano. Um vírus é um parasita, uma bactéria é um parasita (BRASIL, 2000). Mas a etimologia da palavra aponta para um significado mais adequado ao conceito de parasitismo que pretendemos. O termo parasita descende do latim *parasitus*, que, por sua vez, deriva do grego *parásitos*, ou seja, "aquele que come na mesa de outrem". O termo acabou por significar o comensal que adulava alguém de alta posição social para que pudesse comer gratuitamente em sua casa (REZENDE, 1999). Nos últimos anos, alguns derivados do universo do parasitismo passaram a ser empregados também na informática para explicar a ação dos *malwares* (em inglês: *malware*, abreviação de *malicious software*), códigos ou programas maliciosos desenvolvidos e usados por hackers para se infiltrar em sistemas de computadores alheios de forma ilícita, com o intuito de causar danos, alterações ou roubo de dados.

No parasitismo biológico, o organismo parasita carrega estruturas que servirão de acoplagem para penetração e absorção das substâncias cobiçadas no organismo hospedeiro. No parasitismo (ou hackeamento) de computadores, os *malwares* carregam códigos fontes que precisam ser reconhecidos pelas máquinas-alvo para penetrar no universo do dispositivo invadido. Quando empregamos o termo ao jornalismo, é porque há a percepção de que agentes usam de determinadas estruturas linguísticas, argumentativas, visuais e organizativas para adentrar ao universo jornalístico e dele extrair benefícios em favor de determinadas narrativas ao mesmo tempo em que causa-lhe danos.

Partimos do pressuposto de que o jornalismo é uma prática profissional que tem como premissa histórica “garantir o direito das pessoas à informação verdadeira e autêntica através de uma dedicação honesta para realidade objetiva” (UNESCO, 1983). Inspirado por ideais das revoluções americana e francesa do século XVIII, o jornalismo é tido como o ofício daqueles que estão na “linha de frente” da batalha por liberdade (TRAQUINA, 2020). Kovach e Rosenstiel (2001) vão mais longe ao atribuir à profissão o papel de atuar pela emancipação das populações, de modo que a publicização das notícias ajude as pessoas a conhecerem o seu contexto social e a tomarem decisões mais conscientes ao participarem da vida em sociedade. Na busca por um obsessivo e pretensioso estado de isenção diante dos fatos, a profissão ganhou ao longo das décadas um arcabouço de técnicas e diretrizes éticas que hoje lhe caracterizam como um gênero discursivo (BAKHTIN, 2011). As formas do discurso jornalístico foram incorporadas ao cotidiano da vida no ocidente. Há elementos lexicais e retóricos que se somam a uma visualidade gráfica desenvolvida para auxiliar o receptor a detectar o gênero antes mesmo que a primeira palavra seja assimilada (WILLIAMS, 2013). Talvez por isso, tais elementos sejam a porta de entrada para o parasitismo ideológico que nos joga na era da pós-verdade.

Os estudiosos do discurso convergem no entendimento de que não se pode captar a realidade empírica sem passar pelo filtro de um ponto de vista ou comunicá-la sem encaixar essa perspectiva em uma cenografia (MAINGUENEAU, 2020). Mais incisivos, os teóricos de Frankfurt percebiam o jornalismo como mais um produto da indústria cultural essencialmente capitalista e, portanto, incapaz de servir genuinamente aos interesses públicos (MCQUAIL, 2012). Eugenio Bucci (2018) lembra ainda que informações falsas sempre fizeram parte do labor jornalístico, e que não houve presunção mais vã no século XX do que a promessa dos diários de entregar a seus leitores nada menos que “a verdade”, ao que complementa que “A mentira de imprensa

é tão antiga quanto a imprensa” (BUCCI, 2018, p. 23). Apesar disso, segundo o autor, a profissão ainda cumpre uma função social antes de ser um negócio, e a objetividade e o equilíbrio são valores que a alicerçam. A imprensa tradicional consolidou no Brasil e no mundo certa credibilidade para tratar dos assuntos do cotidiano. E mesmo diante de momentos históricos que colocaram essa credibilidade à prova, o jornalismo ainda resiste no imaginário coletivo como uma referência de realidade, detentor de um capital ético moral, acumulado em quase duzentos anos de existência da profissão.

Com a chegada da internet, o aparecimento de novos atores sociais e a qualificação das organizações no mundo da comunicação institucional colocaram em disputa algumas das tarefas dos jornalistas (DAHLGREN, 2011), exigindo novos movimentos para que o jornalismo pudesse exercer as suas funções normativas no que se refere à fiscalização dos agentes públicos, à objetividade dos fatos, ao tratamento da atualidade e aos seus compromissos éticos. Mesmo assim, o jornalismo não só deixou de ser o único meio de expressão, transmissão e difusão de informações e opiniões, como os cidadãos adquiriram a capacidade de cometer o que Stearns (2013) chama de *atos de jornalismo*. A vulgarização desses atos, somada à influência da lógica capitalista na própria administração das empresas de comunicação, obrigou as redações a se protegerem dos ataques persuasivos de governos e do mercado, resultando em revisões de práticas profissionais que asseguraram ao jornalismo certa confiabilidade do público na busca pela verdade dos fatos (BUCCI, 2018).

A prática de desenvolver diagramações distintas e, no caso de rádio e TV, avisos visuais e sonoros para diferenciar os publicitários e matérias pagas do conteúdo desenvolvido por repórteres foi constante nos anos 1980 e 1990. A importação do cargo de *ombudsman*, jornalista contratado para apontar os erros do próprio veículo de imprensa para defender os interesses do leitor, também foi uma iniciativa de autocritica que perdura em muitas redações até hoje. Mais

recentemente, as agências de checagem dos fatos se consolidam dentro das redações como mais uma ferramenta que assegura ao público a veracidade factual do que circula pelas redes sociais "com cara de jornalismo" (BUCCI, 2018, 2019). Apesar desses esforços, programas sensacionalistas ávidos por audiência submetem-se aos mais diversos recursos retóricos e linguísticos para fazer espetáculo, transformando ações policiais e eventos inusitados do cotidiano naquilo que Roland Barthes vai conceituar como *fait divers* (RAMOS, 2001). Essa atuação de parte da imprensa vai ser a matriz incubadora da linguagem que hoje caracteriza as *fake news*.

Informações falsas, informações erradas e boatos sempre estiveram presentes no universo jornalístico. O que faz das *fake news* uma potência parasitária são outros fatores. A velocidade de contágio que elas adquirem nos ambientes de rede e o fato de serem mentiras deliberadas que emulam uma aparência de jornalismo talvez sejam os mais evidentes (BUCCI, 2019). Desde que a internet assumiu o papel de sistema organizador da vida contemporânea, o efeito viral das *fake news* mostra-se determinante na moldagem das bolhas sociais que nos isolam dos espaços de alteridade. Bucci (2018) lembra ainda que há um outro motivo para o sucesso das *fake news* em um sistema capitalista: elas dão lucro. Bucci (2018, p. 17) argumenta que, dentro das plataformas do Google e do Facebook, "um dos melhores negócios [...] é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de verdade – e que, mesmo assim, despertam emoções fortes nos chamados internautas". Ao se utilizarem de marcas linguísticas, organizacionais e visuais que induzem o receptor a atribuir-lhes os mesmos critérios de apuração e seriedade do jornalismo, as *fake news* descontextualizam argumentos factuais para produzir entendimentos falsos, que confundem os interlocutores e os levam a adotar decisões contrárias àquelas que tomariam se soubessem a verdade dos fatos (BUCCI, 2019).

O parasitismo empreendido pelas *fake news* foi tão corrosivo nas eleições do Brasil em 2018 que

uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) foi aberta em 2019 para investigar quem financiou os disparos em massa de notícias falsas sobre o pleito. Um dos requerimentos da CPMI apontam o site *Jornal da Cidade Online* (JCO) e seu dono, o jornalista e advogado José Pinheiro Tolentino Filho, como parte de uma espécie de milícia digital montada para apoiar o presidente Jair Bolsonaro e atacar adversários políticos. Em 2020, o JCO foi condenado na justiça por divulgar informações distorcidas e falsas sobre desembargadores do Rio de Janeiro, e também foi alvo de uma campanha de desmonetização por incentivo do Sleeping Giants Brasil, movimento iniciado nos Estados Unidos que convida internautas a pressionarem empresas a cortarem anúncios em sites de notícias falsas.

Todos esses fatores nos levam a escolher o *Jornal da Cidade Online* como objeto de análise neste artigo. Entender quais mecanismos parasitários são utilizados pelo site que segue forte no imaginário bolsonarista como modelo de imprensa séria e verdadeira, mesmo com tantos reveses, condenações e indícios de parasitismo que escancaram sua tendência ideológica, é um desafio ante os efeitos corrosivos que causa na confiabilidade do jornalismo. Como visto brevemente, sabemos que os erros, as mentiras e as informações falsas permeiam a história das redações jornalísticas. Mesmo assim, Bucci (2018, p. 25) lembra que "não há ninguém que não saiba divisar as distinções entre a verdade factual e a invenção deliberada de falsidades com o objetivo de esconder os fatos". Ao menos não até agora, nesse tempo e lugar.

Para que o negacionismo da verdade dos fatos e da ciência como um todo contagiasse o imaginário coletivo com tanta facilidade, foi necessário que condições materiais e imateriais se desenvolvessem ao longo da história através de um dialogismo sistêmico entre as classes dominantes e dominadas. Colonizar os filtros de percepção dos sujeitos e cultivar a violência simbólica são táticas seculares para estabelecer e sustentar relações de dominação, exploração e

opressão. É por isto que, para entendermos o parasitismo do *Jornal da Cidade Online*, é necessário revisar alguns postulados do círculo de Bakhtin acerca do conceito de dialogismo, assunto que trataremos a seguir.

### 1.2 Do diálogo ao parasitismo da palavra nas democracias extremas

Toda palavra, seja no campo jornalístico, seja em qualquer outro campo social, não se compõe apenas de uma natureza linguística – desprovida de seu entorno social. Tampouco a consciência é composta somente por uma suposta matéria pura de língua. A língua é toda formada por signos necessariamente ideológicos, assim como a consciência é toda estruturada por meio do material ideológico que lhe fornece a língua. Dessa forma, o caráter ideológico do signo permite que nele ocorra a convergência dos múltiplos posicionamentos humanos. De acordo com Volochinov (2009), a plurivalência da língua é o fator que promove o encontro e o embate de classes.

Faraco (2003, p. 68) destaca que, para Volochinov, "diferentes classes sociais se servem da mesma língua, atravessando-a, no entanto, com diferentes (e contraditórios) índices de valor". Se por um lado, o processo de refração do signo torna a linguagem dialógica (visto que nenhum signo reflete seu objeto objetivamente), por outro lado, a refração é condicionada pelas relações de classes. Nesse diapasão, Hall (2010, p. 295) propõe que olhemos para os sentidos como uma produção social, já que "as coisas ou eventos no mundo real não contém ou propõe os seus próprios sentidos integrais, únicos e intrínsecos", haja vista que o mundo é construído na e pela linguagem.

Estamos adentrando aqui, de forma breve, a noção de dialogismo. Nesse particular, Volochinov (2009, p. 97) assevera que "todo ato de compreensão é uma resposta na medida em que introduz o objeto da compreensão em um novo contexto". Esse fenômeno de interação impõe dois processos: um, em que a subjetividade da atividade mental se concretiza na enunciação e se torna um fato objetivo; e outro, em que a

palavra enunciada, na condição de fato objetivo, é subjetivada pelo interlocutor no ato de interpretação. Essa descodificação promoverá uma nova codificação em forma de réplica. Tal processo de decodificação e codificação é estruturado com base nas cenas validadas do entorno ideológico no qual se localizam os interlocutores.

De acordo com Faraco (2003, p. 57), "cada enunciado, [...] ao mesmo tempo que responde (no sentido de tomar uma posição socioaxiológica), espera uma resposta (espera que os outros assumam uma posição socioaxiológica frente ao dito)". Nesse aspecto, supomos que o comportamento parasitário no jornalismo se efetua de maneira ambígua; o jornalismo-parasita se serve dos enunciados antecedentes – enunciados tidos como padrão jornalístico – para garantir sua legitimidade. No entanto, ao mesmo tempo em que parece assimilar a conjuntura midiática tradicional, polemiza as relações e ataca as instituições jornalísticas sob o pretexto de fazer "jornalismo sem ideologia". Cabe dizer ainda que os signos, no interior dos enunciados, também respondem a outros signos num encadeamento organizado. No hackeamento jornalístico, por exemplo, o uso de marcas linguísticas que respondem a outros signos – *midia do ódio* como signo que interpreta as práticas de linguagem da mídia tradicional – aponta para um comportamento de povoamento do espaço midiático por meio do qual se descredibiliza o outro.

De acordo com Stella (2013, p. 181), a seleção de signos para um projeto discursivo só é possível porque as palavras "já foram experimentadas por outros locutores em situações semelhantes". Essa perspectiva se relaciona com a afirmação de Hirschkop (2010, p. 102) quando diz que "a criatividade na linguagem não é individual nem subjetiva, mas coletiva por natureza". Isso significa que o sujeito, em sua individualidade, não produzirá um enunciado inédito fomentado por uma suposta criatividade individual, porque qualquer projeto discursivo – pensado para o outro e afetado pelo outro – se orientará a partir das possibilidades enunciativas que já foram experienciadas em circunstâncias sócio-históricas similares. Assim,



qualquer força que se instaure como instância autorizada para a homogeneização dos sentidos é uma força ideológica que suplantou suas rivais, dado que "A crença numa falsa ideologia individualista é a causa do desejo de dominação da classe dominante" (HIRSCHKOP, 2010, p. 119).

Por fim, de acordo com Lacapra (2010), com relação à perspectiva dialógica em Bakhtin, salta aos olhos uma tensão constante entre o populismo igualitário – supostamente ingênuo – e o sentimento de uma democratização extrema, capaz de nivelar todas as estruturas institucionais dominantes a ponto de fragilizar a pluralidade. Logo, se a linguagem é o espaço de múltiplas vozes, a tendência das forças dominantes é unificar essa pluralidade por meio do domínio totalitário da política das significações, instaurando um mundo ético no qual o seu acabamento ideológico sobre o signo predomine.

Sobre o mundo ético em Bakhtin (1997), entende-se como um espaço de constante interpelação do outro sobre o meu enunciado, isto é, o ato ético denota que "agir é sempre comprometer-se, agir é sempre ser interpelado pelo outro do ponto de vista ético, agir é sempre ser chamado à responsabilidade e à responsividade" (SOBRAL, 2008, p. 233). Ou seja, o enunciado do outro me coloca numa relação de sentidos a qual exige de mim responsabilidade sobre o que interpreto e resposta ao enunciado. Ao se considerar que é por meio do próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer, a fala constitui gradativamente "uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele [o fiador] faz surgir em seu enunciado" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 73). Sob essa motivação, a seguir abordamos os estudos sobre simulacro, cena enunciativa e *ethos* em Maingueneau.

### 1.3 Simulacros e cenografia

Ao elaborar a noção de *simulacro* junto à hipótese do primado do interdiscurso em sua Semântica Global, o linguista francês Dominique Maingueneau (2008a) lutou (mesmo que parcialmente) com uma charada filosófica histó-

rica: a realidade acessada por mim é a mesma realidade experimentada pelo Outro? Se não, o quanto coincidentes essas realidades subjetivas são (1) entre si e (2) entre a realidade objetiva? Como a língua medeia a negociação entre essas experiências divergentes do real? "Simulacro" é, em seu sentido discursivo, como Maingueneau (2008a) chama, a tradução da realidade subjetiva do locutor (a partir de sua enunciação) pelos filtros individuais do destinatário em um "processo de intercompreensão". "Para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 100).

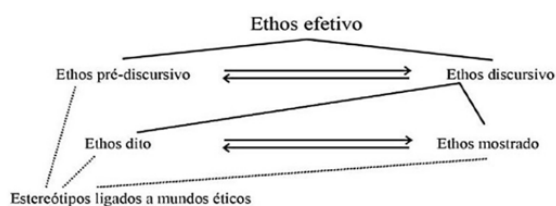
No contexto da situação política atual, a "tradução depreciativa, em um discurso, de um valor de seu discurso oponente" (MOTTA, 2008, p. 395) ajuda a explicar a polarização política acentuada por que passamos e as tentativas de hackeamento de instituições historicamente validadas. Parece importar menos a versão funcional da verdade (pragmática) encontrada via processos rígidos, e mais a encenação de uma verdade suficientemente palatável aos fundamentos morais do sujeito de acordo com suas inclinações políticas. Esse processo de influência é descrito por Maingueneau (2005) através da ideia de cena de enunciação. Inserem-se na cena de enunciação suas três cenas constituintes: a cena que corresponde ao tipo de discurso (por exemplo: político, religioso, científico...): *cena englobante*; a cena que corresponde ao gênero do discurso (literário, publicitário...): *cena genérica*; e a cena responsável por legitimar o discurso e influenciar o comportamento do destinatário: a *cenografia* (MAINGUENEAU, 2005). As duas primeiras, detalha Maingueneau (2020), encontram-se no espaço *instituído* do discurso (determinadas pela situação), enquanto esta última, no espaço *construtivo* (em que o enunciador opera uma *mise-en-scène* para legitimar o discurso que, por sua vez, deve validá-la em retorno). Essas noções já se encontravam também, de algum modo, no círculo de Bakhtin, em que se destaca que "a situação forma

o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

Encontra-se no âmbito da cena de enunciação a noção aristotélica de *ethos*, reformulada na análise do discurso como parte indissociável da enunciação enquanto imagem de si do sujeito. "O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação" (MAINGUENEAU, 2005, p. 75). Pela retórica de Aristóteles, o *ethos* "consiste em causar boa impressão, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório ganhando sua confiança" (MAINGUENEAU, 2020, p. 9). Já pelas ciências da linguagem, o *ethos*, integrado à análise do discurso por pesquisadores como Oswald Ducrot, Roland Barthes, Ruth Amossy e pelo próprio Dominique Maingueneau (2005, p. 70), "está ligado à enunciação, não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador [...]. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado".

Para chegar ao *ethos* como imagem de si, deve-se passar por um processo de interação entre outras formas de *ethos*: a partir do *ethos mostrado* (forma como se fala) e do *ethos dito* (o que o enunciador fala de si mesmo enquanto enuncia), resulta o *ethos discursivo* (elaborado no momento da enunciação), que, por sua vez, interage com o *ethos pré-discursivo* (imagem que o destinatário retém do enunciador antes da enunciação baseada em interações e discursos prévios) para a formação do *ethos efetivo*, chamado neste artigo, para todos os efeitos, simplesmente de *ethos* como imagem de si no discurso. Esse processo é ilustrado por Maingueneau (2008b, p. 71) na Figura 1.

**Figura 1** – O *ethos* efetivo



**Fonte:** Maingueneau (2008b, p. 71).

Desse modo, a projeção de certa imagem de si do sujeito em sua enunciação é importante na pretensão de influenciar de algum modo o processo de intercompreensão, levando o destinatário a fazer a tradução (simulacro) do discurso do enunciador que produza os efeitos pretendidos por ele. Nesse sentido, cabe compreender que, segundo Maingueneau (2020, p. 13), o *ethos* se inscreve em uma "problemática de incorporação", termo utilizado para definir o processo através do qual o destinatário participa ativamente do mundo ético evocado pelo enunciador. Nesse sentido, Maingueneau (2005, p. 74) correlaciona o *ethos* a "uma 'vocalidade' e [a] uma relação com o fiador associado a uma corporalidade e a um caráter [...]". A enunciação faz, assim, surgir um fiador responsável por validar a cenografia e conceder ao destinatário um corpo, um veículo que torna possível a ele habitar o mundo ético do enunciador. A elaboração desse fiador parte do destinatário, baseado no *ethos* projetado pelo enunciador e "em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas [...] que a enunciação contribui para reforçar ou transformar" (MAINGUENEAU, 2020, p. 14). Por meio do seu *ethos*, o que o locutor faz é "pôr em risco sua imagem e tentar orientar, mais ou menos conscientemente e em um sentido que lhe seja favorável, a interpretação e a avaliação dos signos que envia ao destinatário" (MAINGUENEAU, 2020, p. 9). A cenografia e a imagem de si no discurso interagem sempre com dados discursivos preexistentes de acordo com o primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008a).

O simulacro feito pelo destinatário levará em consideração, desse modo, o *ethos* pré-discursivo do locutor, bem como os dados estereotípicos disponíveis nas cenas validadas de sua comunidade discursiva, o que muitas vezes é um processo ativado em oposição à comunidade discursiva do enunciador quando essas não forem coincidentes, o que acontece com frequência em debates políticos em que os atores do discurso habitam mundos éticos distintos. A cena pode



ser validada para uma comunidade discursiva como um modelo ideal ou então como seu exato oposto, um antimodelo. "Tal cena de fala pode ser chamada de cena validada, em que "validada" significa 'já instalada na memória coletiva', seja como antimodelo, seja como modelo valorizado" (MAINGUENEAU, 2005, p. 80).

As narrativas políticas no Brasil carregaram algumas cenas validadas no imaginário discursivo do brasileiro de acordo com sua ideologia política. O mesmo vale para outras correntes de pensamento associadas à esquerda ou à direita atualmente. Veículos como o *Jornal da Cidade Online*, que fazem a mímica de uma imprensa tradicional, mas que possuem uma missão panfletária e ideológica clara, aderem a uma comunidade discursiva específica que possui cenas validadas como modelo e antimodelo muito bem definidas. São essas cenas que serão responsáveis por orientar tanto sua cenografia e seu *ethos* quanto o simulacro de discursos que partem do polo ideológico oposto, o que pretendemos detalhar na seção seguinte.

## 2 Uma relação parasitária: análise e metodologia

Este artigo está fundamentado sobre três bases: os preceitos de Bucci (2018, 2019, 2020) acerca dos processos de desestabilização de instituições basilares da sociedade, especificamente o jornalismo; Bakhtin (2009, 2011) quanto ao dialogismo e às práticas sociais da linguagem; e Maingueneau (2008, 2020) quanto às noções de simulacro, cenografia e *ethos*. A pesquisa é descritiva, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Constituem o corpus de análise três excertos de matérias publicadas no site oficial do *Jornal da Cidade Online*; o critério para seleção foram dois: a presença de termos ideologicamente carregados e reveladores da natureza partidária do jornal ("mídia do ódio" e "esquerdopata") e o elevado número de compartilhamentos que as matérias obtiveram (na ordem em que são apresentadas: 2 mil, 6 mil e 40 mil compartilhamentos).

A seção 2.1 introduz o objeto de análise; a seção 2.2 traz uma breve comparação que demonstra a "imitação" da identidade visual de jornais tradicionais pelo *Jornal da Cidade Online*; e a seção 2.3 apresenta a análise discursiva com base nos fundamentos teóricos apresentados. Serão introduzidos, com a evolução da análise, dois dispositivos teórico-metodológicos:

- a) uma fórmula de funcionamento do simulacro para a polarização política atual;
- b) uma figura que ilustra o processo de parasitismo operado pelo *Jornal da Cidade Online* sobre jornais tradicionais para captação de público ao seu mundo ético.

Na sequência, apresentamos o nosso objeto: no que consiste e o que pretende o *Jornal da Cidade Online*.

### 2.1 O *Jornal da Cidade Online*: o que é e o que pretende

Há muitos sites e jornais responsáveis por distribuir desinformação debaixo de um verniz de jornalismo legítimo, com uma mímica tipográfica e de *layout* quase perfeita. Poucos, no entanto, produzem tanto conteúdo e circulam com tamanha facilidade quanto o *Jornal da Cidade Online*. De acordo com pesquisa publicada pela Northwest University, o *Jornal da Cidade Online* foi o veículo de direita mais compartilhado em grupos do WhatsApp durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil (BURSZTYN; BIRNBAUM, 2019). Seu alinhamento político de extrema-direita é claro: o site posa como um jornal tradicional enquanto desempenha a ignóbil função de panfletário bolsonarista. Repórteres da agência de checagem *Aos Fatos* revelaram que muitos dos mais de 80 colunistas que o jornal diz abrigar em sua equipe são falsos, utilizados para atacar políticos e magistrados sem maiores consequências jurídicas.

O site, notabilizado pela difusão de conteúdo enganoso em favor de Jair Bolsonaro nas últimas eleições, tem entre os seus colaboradores Amanda Acosta e Otto Dantas. Ela é apresentada em seus

artigos com uma foto modificada digitalmente da escritora Thalita Rebouças; ele com retrato extraído do banco de imagens Shutterstock (RIBEIRO; MENEZES, 2019). Em seu institucional é informado que o jornal foi fundado em 1978 na cidade de Campo Grande (MS), está sediado atualmente em Passo Fundo (RS), e circulou por vinte anos de modo impresso, retornando em 2007 apenas na internet. Seu proprietário e editor, José Tolentino, como informado anteriormente, está sob a lupa de integrantes da CPMI das *Fake News* (REBELLO, 2020).

O *Jornal da Cidade Online* tem uma presença digital maciça e avaliar todo o material disponível em seu site, em sua revista "A Verdade", em sua "agência de checagem conservadora 'A Verdade dos Fatos'" e em suas diversas redes sociais (Youtube, Instagram, Facebook, chat do WhatsApp, canal no Telegram...), seria impraticável para o formato de artigo científico. Optamos por avaliar materialidades que resgatem o *ethos* discursivo maior do jornal, aquele que trespassa todas as suas publicações. Serão objeto de análise, desse modo, o *layout* do jornal em comparação com o da *Folha de S.Paulo* e três excertos de publicações que contenham os termos "mídia do ódio" ou "esquerdopata", conceitos ideologicamente carregados como cenas validadas para a comunidade discursiva que consome o conteúdo do jornal. Desse modo,

- a) *Mídia do ódio*: refere-se aos grandes jornais impressos e ao telejornalismo da Rede Globo. A tese aqui é de que o jornalismo tradicional é movido pelo ódio e pela ideologia de esquerda, não pela busca da verdade;
- b) *Esquerdopata*: neologismo frequente na internet que aglutina as palavras "esquerda" e "psicopata" para designar uma pessoa à esquerda do espectro político. É uma versão mais perniciosa do termo "esquerdista"; aparece às vezes em sua variante "esquerdalha" (esquerda + canalha).

Selecionamos esses termos especificamente por serem marcadores de um posicionamento ideológico explícito que está ausente do lead noticioso dos principais jornais brasileiros. Uma busca por "mídia do ódio" (realizada em sete de dezembro de 2020) não retornará nenhum resultado no site da *Folha de S.Paulo*; já uma busca por "esquerdopata" no mesmo site retornará 42 resultados, todos referentes a citações de terceiros ou a usos ora irônico, ora contextual do termo em blogs e colunas. Por sua vez, uma mesma busca por "mídia do ódio" no site do *Jornal da Cidade Online* retorna 1.020 resultados; já "esquerdopata" resulta 2.150 ocorrências. A maior parte desses termos aparece nas manchetes, e o jornal os utiliza, inclusive, como *tags* para organizar seu conteúdo. Como veremos na sequência, essas noções passam por um simulacro e adquirem valores específicos de acordo com estereótipos disponíveis na memória discursiva dos leitores e redatores do *Jornal da Cidade Online*.

## 2.2 "Há um impostor entre nós": o processo de mimica de uma identidade visual

A relação parasitária do *Jornal da Cidade Online* com outras instituições jornalísticas começa nos aspectos visuais e gráficos perceptíveis já num primeiro olhar. Embora não constitua a centralidade da análise aqui proposta, é sintomático que o jornal se aproprie de traços da identidade visual consagrada historicamente como sinônimo de jornalismo sério, enquanto, em sua linha editorial, funcione como panfleto partidário sem compromisso com os princípios do jornalismo tradicional cuja estética procura imitar. A mimese é notável na Figura 2 ao dispormos em proximidade os cabeçalhos dos maiores jornais brasileiros e do *Jornal da Cidade Online*, que, fantasiado das cores à tipografia, esforça-se para pertencer ao grupo.

**Figura 2** – Os cabeçalhos dos principais jornais brasileiros e o *Jornal da Cidade Online*



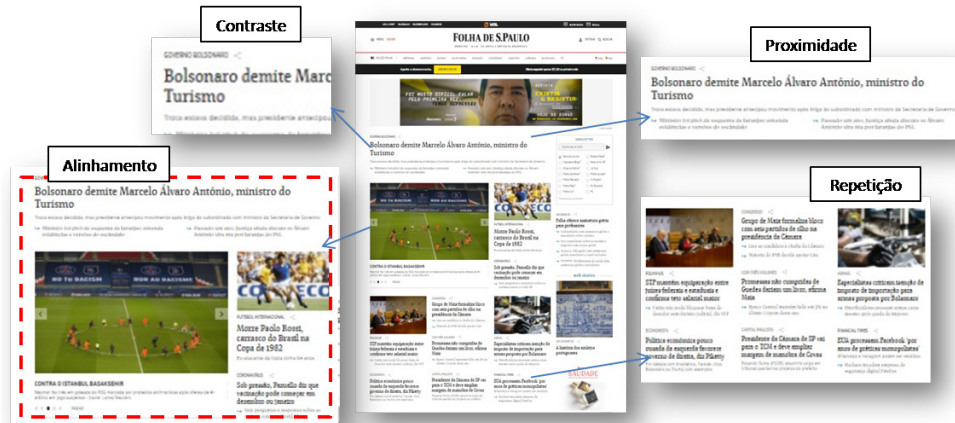
**Fonte:** Compilado pelos autores (2021).

A fonte adotada, inclusive, é a mesma utilizada pela tradicional publicação carioca *Jornal do Brasil*. A disposição do *layout* dos sites do jornal em relação às publicações tradicionais também é bastante parecida. A autora Robin Willians (2013), referência internacional no desenvolvimento de projetos gráficos, explica que existem quatro princípios norteadores no design que servem para auxiliar no trabalho jornalístico. São eles:

- a) o contraste, para evitar elementos similares na disposição das páginas quanto à cor, tamanho, espessura das linhas, forma, espaço etc.;
- b) a repetição, que serve para marcar os elementos visuais do projeto gráfico e criar unidade ao material;
- c) o alinhamento, que evita disposições arbitrárias e estabelece uma ligação visual entre os elementos da página;
- d) a proximidade, que propõe o agrupamento de itens e assuntos que possuem alguma relação, como as editorias de um jornal, por exemplo.

Tais elementos atuam para ajudar o leitor/receptor a identificar o veículo e a linha editorial que está consumindo. Esse cuidado, somado a outras regras da reportagem factual, contribuem para uma percepção de que a informação foi tratada dentro das regras e preceitos que regem o jornalismo. Veículos tradicionais do Brasil e do exterior buscam manter nos portais da internet elementos gráficos e visuais que os consagraram ao longo do tempo em outras mídias. Talvez por isso o design seja uma das portas de entrada mais utilizadas pelos agentes parasitas da pós-verdade no sentido de tentar emular um visual de credibilidade.

Os quatro princípios de Willians (2013) ficam evidentes quando analisamos a capa do site do jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo. Na Figura 2, percebe-se que há um contraste entre o tipo e tamanho de letra para permitir ao leitor identificar as informações entendidas como mais importantes que vão nos títulos das matérias, em contraste com as linhas de apoio, que trazem informações complementares. Há também uma padronização no tamanho dos títulos, na disposição das chamadas para cada matéria, no uso de cartolas, que são palavras escolhidas para marcar o assunto ao qual pertence a matéria anunciada, bem como há padronização também no tamanho das imagens e no uso de recursos gráficos como linhas divisórias e molduras. O princípio do alinhamento também se faz presente, dispondo manchetes de diferentes tamanhos de forma harmônica, sem que sobrem pontas ou espaços vazios entre os elementos que compõem a mancha gráfica, que é a totalidade dos espaços ocupados pelos elementos da página (WILLIANS, 2013). Por último, o elemento da proximidade também é notado quando percebemos um agrupamento de chamadas por editorias, como as chamadas de política que abrem o topo da página, as chamadas de esporte, agrupadas no centro, e assuntos do cotidiano econômico, político e jurídico agrupados na parte mais abaixo, como mostra a Figura 3.

Figura 3 – Capa do site do jornal *Folha de São Paulo*

Fonte: *Folha de S.Paulo* (2020).

Em comparação ao site de notícias do jornal *Folha de S.Paulo*, o *Jornal da Cidade Online*, apresenta uma capa que tenta emular um projeto gráfico consagrado entre os veículos tradicionais. Estão presentes alguns princípios de Willians (2013) se observarmos fragmentos do *layout*, como o princípio da repetição, que se reflete no uso de fontes e no tamanho de títulos e manchetes que servem de chamada para os textos. Percebe-se também outras estruturas de entrada para o parasitismo, como o uso de cartolas antes das manchetes principais, e notícias

factuais que se misturam com textos opinativos e ideológicos, sem que haja qualquer distinção gráfica entre eles. No entanto, outros elementos basilares da diagramação jornalística não recebem o mesmo cuidado, como os princípios de contraste — fontes e imagens sem diferenças bem-marcadas —, alinhamento — pois os blocos de notícias se desnivelam ao longo da mancha gráfica — e proximidade — assuntos que deveriam estar blocados, próximos uns dos outros, se espalham pela página sem critério aparente —, conforme apontamos na Figura 4.

Figura 4 – Capa do site *Jornal da Cidade Online*

Fonte: *Jornal da Cidade Online* (2020).



É notável, desse modo, de que modo o *Jornal da Cidade Online* se passa como jornalismo legítimo, embora configurado cuidadosamente para servir de antídoto à missão do jornalismo tradicional (busca pela verdade) em prol do avanço de uma agenda político-ideológica de extrema-direita. Os elementos gráficos, por si só, desvelam algumas estruturas parasitárias do *Jornal da Cidade Online*. Mas são apenas uma parte do processo de acoplagem; outros artefatos foram criados para contrapor ferramentas e gêneros jornalísticos específicos. Tal comportamento enunciativo corrobora as ponderações de Stella (2013), quando informa que o processo de seleção dos signos ideológicos na construção de um projeto discursivo só é possível porque aquela configuração já foi experimentada anteriormente em situações enunciativas similares.

Em setembro de 2020, por exemplo, o *Jornal da Cidade Online* lançou uma publicação semanal para assinantes (ao preço de R\$ 9,99 por mês), uma revista online sugestivamente intitulada "A Verdade". Em novembro de 2020, diante do aumento da confiança do público em agências de checagem de notícias como a Agência Lupa (*Folha de S.Paulo*), Fato ou Fake (*Globo*) e *Aos Fatos* (independente), o *Jornal da Cidade Online* (2020) lançou "a primeira agência de checagens conservadora do Brasil, chamada 'A Verdade dos Fatos'". No texto de apresentação se lê que "Visando contrapor às agências com viés esquerdista, acaba de ser lançada a agência 'A Verdade dos Fatos', que será primeira 'Fact Checking' Conservadora do Brasil" (JORNAL DA CIDADE ONLINE, [2020]). Já em dezembro de 2020, como antídoto ao grupo de ativistas digitais "Sleeping Giants" (cuja bio do Twitter lê "Um movimento de consumidores contra o financiamento do discurso de ódio e das *Fake News*"), foi criado o Awake Giants Brasil (cuja bio do Twitter, por sua vez, lê "Uma união de homens/mulheres consumidores em defesa do conservadorismo, e contra a disseminação do discurso de ódio, lacrações, cancelamentos e fake news").

Seja de natureza jornalística (publicações impressas e agências de checagem) ou não (grupos de ativistas), parece haver sempre um contraponto ideologicamente motivado de extrema-direita, que se apropria dos sinais, linguagem e estética dos

modelos originais, para a confecção de antíteses que exercem força narrativa na direção oposta (ou percebida como oposta). Esse é o cenário que se desenha na disputa pela atenção e pela confiança do público, uma guerra na qual o *Jornal da Cidade Online* aparece como peça proeminente. Na sequência, apresentamos os detalhes da análise discursiva com o jornal como objeto.

### 2.3 Cenografia, simulacro e o dialogismo

Há uma ideia fixada na memória discursiva de cada lado da polarização política sobre o que constitui esquerda e direita, e é com essa ideia que os atores políticos trabalham: um simulacro do discurso alheio e da pessoa de quem provém esse discurso. Conforme Maingueneau (2008a, p. 55), ao encontrar um Outro no mundo, o enunciador está "condenado a produzir simulacros desse outro, e simulacros que são apenas seu avesso". Argumentamos, nesse sentido, que o posicionamento da pessoa de esquerda, para a pessoa de direita (e vice-versa), é traduzido de acordo com suas próprias convicções e perspectivas, filtrado pelo seu mundo ético onde esse discurso é, geralmente, traduzido e classificado como impertinente, perigoso, destrutivo. Para construir essa imagem, a pessoa de direita se vale em parte do *ethos* discursivo projetado na enunciação e em parte de uma ideia de "pessoa de esquerda = esquerdista/esquerdopata" disponível nas cenas validadas da sua comunidade discursiva como estereótipo. Logo, a imagem da "pessoa de esquerda" é reconstituída simplesmente como "esquerdopata", e seu discurso, filtrado pelo mundo ético do sujeito e arquivado sob a etiqueta "proveniente da *esquerda* LOGO *esquerdopata*, PORTANTO *discurso ilegítimo*". O mesmo pode ocorrer do outro lado do espectro. Esse simulacro segue uma fórmula de acesso a estereótipos de acordo com a memória discursiva de uma dada comunidade para qualificar um discurso como legítimo ou ilegítimo.

As divergências que se instauram no debate político se sustentam pela abertura que a língua oportuniza, isto é, o espaço da palavra *esquerda* é povoado por forças ideológicas distintas. O signo *esquerda* (o mesmo ocorreria com o signo

*direita*), enquanto materialidade linguística, é a palavra neutra disponível no sistema da língua (BAKHTIN, 2011). Contudo, os acabamentos que se operam sobre tal signo farão dele um espaço de luta, pois por mais que a enunciação seja um ato individual de fala, ela se realiza a partir de relações sociais e dialógicas, por meio das quais os signos são medidos e contrapostos entre si, como argumenta Volóchinov (2017, p. 206) ao afirmar que "a própria constituição individual desse signo social em um enunciado é determinada integralmente pelas relações sociais". Enquanto os posicionamentos políticos de esquerda fazem desse signo uma marca identitária, o oponente o deturpa por meio de uma nova refração do ser no signo: é esquerda, portanto é canalha (para *esquerdalha*); é esquerda, portanto é psicopata (para *esquerdopata*). Esse processo de simulacro pode ser representado na seguinte fórmula:

*Proveniente de X, LOGO, Y, PORTANTO discurso legítimo/ilegítimo; onde X = mundo ético associado por relações dialógicas a valores e cenas validadas; e Y = estereótipo específico disponível na memória de uma comunidade discursiva.*

De acordo com o mundo ético para o qual o jornal procura trazer seus leitores, o jornalismo tradicional estaria corrompido pela presença massiva desse estereótipo em suas redações: o *esquerdopata*, inimigo ideológico. Isso pode ser observado em notícia publicada no dia 25 de novembro de 2020, em que o jornal anota que "Jornalistas 'esquerdopatas', que se aglomeram nas redações da 'mídia do ódio', usam a ida de Manuela e Guilherme Boulos para o segundo turno, como 'muleta' para criar a absurda cantilena de que a esquerda venceu o pleito municipal de 2020" (ALVOS..., 2020). Desse modo, notícias advindas da "mídia do ódio", por serem provenientes de "jornalistas esquerdopatas" (de acordo com o simulacro do jornal), não configurariam um jornalismo sério e apartidário, muito pelo contrário. Seria um discurso ilegítimo, combatido, por sua vez, com o discurso "legítimo" posto em cena pelo *Jornal da Cidade Online*, de modo que um discurso "responde" ao outro em perspectiva dialógica, já que "não há uma palavra que seja

a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico [...]" (BAKHTIN, 2011, p. 413). A narrativa promovida pelo veículo, desse modo, contém uma relação dialógica, polifônica (BAKHTIN, 2011) com discursos *simulados* dos grandes jornais: cobertura midiática que é traduzida sob os valores do jornal, que responde então a essa versão de discurso reimaginada, oblíqua, sob "regras de passagem de uma interpretação a outra, sem tocar na estabilidade do significante linguístico" (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Em outra ocasião, em notícia postada no dia 23 de novembro de 2020, o jornal traz em uma manchete que "prestígio de Bolsonaro vai libertar inocente, mas faz 'mídia do ódio' e esquerda 'corroerem' de raiva" (PRESTÍGIO..., [2020c]). O termo "mídia do ódio" é uma chave de acesso ao mundo ético elaborado pelo jornal: por meio dela, o veículo cria uma dinâmica de *modelo* e *antimodelo* (MAINGUENEAU, 2005) em que deslegitima as redações tradicionais ao mesmo tempo que valida a si mesmo como o novo patamar de credibilidade na imprensa. Nesse sentido, sua credibilidade é valorizada em um movimento duplo: *semelhante o suficiente* ao jornal tradicional em sua estética e projeto gráfico, como visto anteriormente, enquanto *diferente o suficiente* em sua abordagem, tom e *ethos* discursivo. Jornais como a *Folha*, salvo em raras exceções (quase sempre em artigos de opinião), não recorrem a termos derogatórios para se referirem a outros veículos; pelo contrário, o uso de tais termos pelo *Jornal da Cidade Online* o demarca no imaginário da comunidade discursiva para o qual ele comunica como enfático, dotado de certa indignação justificada pela perseguição e tentativas de censura supostamente praticadas por essa "mídia do ódio".

Do mesmo modo, na terceira materialidade selecionada, o jornal traz em nova manchete que "[Caio] Coppola dá lição de ética na decadente Folha e escancara a 'militância' da 'mídia do ódio'" (COPPOLA..., 2020). A cenografia dessa manchete traz personagens: o "ético" Coppola de um lado e a "decadente" *Folha* do outro em uma fórmula muitas vezes repetida pelo jornal. A "lição de



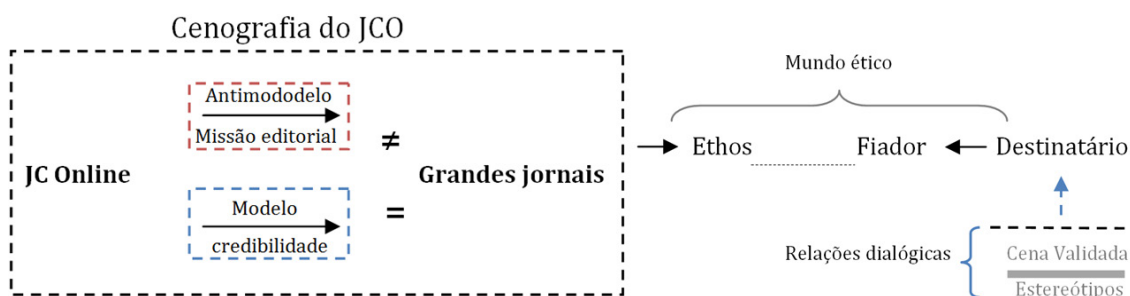
ética" se refere a um modo de agir no mundo, e um modo de agir implica comportamentos e valores. Como vimos, a eficácia do *ethos* depende da identificação do interlocutor com certo modo de agir por um processo de incorporação. "O poder de persuasão de um discurso resulta, então, em boa parte, do fato de ele levar o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo [...] a *maneira de dizer* implica uma *maneira de ser*" (MAINGUENEAU, 2020, p. 14, grifo do autor).

Nesse caso, aos signatários da ideologia do *Jornal da Cidade Online* é oferecido um corpo enunciante para habitar no âmbito da polarização política, ou, dito de outro modo, um papel a desempenhar em uma cenografia ampla, o que garante ao sujeito mobilidade pelo mundo ético compartilhado entre seus leitores. Conforme Maingueneau (2020, p. 14, grifo do autor), "o destinatário *incorpora*, assimila assim um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de se relacionar com o mundo habitando seu próprio corpo". A aderência a um estereótipo diz respeito à faceta tribal da polarização, à sinalização de pertencimento a um grupo e de renegação a outro. Por sua vez, o alinhamento do jornalismo tradicional com o

termo "mídia do ódio" é o núcleo da tese propagada pelo *Jornal da Cidade Online*. Trata-se não somente do esvaziamento do hospedeiro por seu parasita, mas também de uma tentativa de substituição insuspeita.

Por um lado, o *Jornal da Cidade Online* faz a mímica de jornais tradicionais como *Folha* e *Estadão*, projetando um *ethos* de austeridade; por outro, utiliza esses mesmos jornais como antimodelos do seu mundo ético. Há então o encaixe da cena englobante do tipo política sob a cena genérica jornalística. O leitor habita esse mundo ético através da incorporação de um fiador sério e conservador construído a partir do *ethos* projetado pelo jornal e do estereótipo de "conservador" depositado na cena validada da sua comunidade discursiva. O leitor incorpora esse fiador e é pressionado na direção do mundo ético do jornal pelo estereótipo do leitor da mídia progressista construído a partir da fixação dos jornais ("mídia do ódio") aos quais o *Jornal da Cidade Online* faz oposição como antimodelo: estereótipo do "esquerdopata" depositado nas cenas validadas da sua comunidade discursiva. Reproduzimos esse processo na Figura 5:

**Figura 5** – A cenografia parasita do *Jornal da Cidade Online*



**Fonte:** Elaborada pelos autores (2021).

Isso significa que o *Jornal da Cidade Online* faz uso de cenas validadas e estereótipos fixados na memória discursiva do seu público com base na polarização política atual para se posicionar como modelo e fiador de um mundo ético específico. Jornais tradicionais (taxados pelo *Jornal da Cidade Online* como "a mídia do ódio") são posicionados como antimodelo, retratados

como veículos parciais de uma ideologia política adversária. Esse processo é *modus operandi* do jornal e lhe garante uma tração extraordinária entre círculos conservadores (BURSZTYN; BIRNBAUM, 2019). Ironicamente, como vimos, parte dos signos que constituem o *ethos* desses jornais (fonte, cores, *layout* e, principalmente, fixação na memória discursiva do público geral como

credíveis, dignos de confiança) são apropriados pelo *Jornal da Cidade Online*, por isso se trata de uma relação parasitária: o *Jornal da Cidade Online* se agarra às costas de grandes jornais e instituições, se apropriando de parte desse *ethos* para constituição do seu próprio, enquanto os utiliza como antimodelos para fortalecimento do seu mundo ético como oposição. Ou seja, "somos credíveis" porque:

- a) "imitamos a imagem pública desses jornais";
- b) "combatemos o discurso falacioso desses jornais".

Esse processo avança a agenda de veículos e pessoas físicas sem qualquer compromisso com regras e valores éticos do jornalismo tradicional, tomando de forma emprestada apenas a imagem e o crédito social conquistado por eles ao longo dos anos, enquanto subverte sua legitimidade como elemento claro da ideologia da corrosão (BUCCI, 2018).

Os veículos tradicionais aqui mencionados, cuja identidade é usurpada por tabloides ideológicos como o *Jornal da Cidade Online*, não estão isentos de crítica. O problema que apontamos neste artigo diz respeito à sua devida categorização. É possível que, caso essa tendência persista e as tensões sociais no Brasil não recuem, o resultado seja uma falta de confiança generalizada. Como uma das fundações de sociedades democráticas, não basta ao jornalismo ser livre e combativo: é preciso que lhe reste, ao final desse processo de corrosão, a credibilidade para que suas histórias e seu impacto não se extenuem em ouvidos sibilados pelo ruído branco.

### Considerações finais

Demonstramos nas análises aqui propostas que a era da pós-verdade se caracteriza por práticas parasitárias que corroem estruturas essenciais da democracia e do viver coletivo. Atendem diretrizes que alçam o capitalismo a um status de ideologia da corrosão, onde os espaços de troca sobre a verdade dos fatos se

desintegram, abrindo vácuos referenciais dentro das bolhas algorítmicas que regem as redes sociais. A relação parasitária do *Jornal da Cidade Online* com jornais tradicionais, imitando sua identidade visual para absorver sua credibilidade angariada ao longo do tempo, é parte importante desse fenômeno, mais nefasto e pervasivo, que leva à corrosão das instituições fundamentais à manutenção da democracia e do equilíbrio de poderes na sociedade.

Como vimos anteriormente, esta pesquisa é descritiva, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, e tem suas bases nos conceitos de Bucci (2018, 2019, 2020) acerca do processo de corrosão do jornalismo; sobre Bakhtin (2009, 2011) quanto ao dialogismo e às práticas sociais da linguagem; e sobre Maingueneau (2008a, 2020) quanto às noções de simulacro, cenografia e *ethos*.

O objetivo deste artigo, conforme explorado, foi analisar a cenografia do *Jornal Cidade Online* e suas relações dialógicas e parasitárias com a imprensa tradicional para a construção de um *ethos* de jornalismo comprometido com a verdade na captação de público para seu mundo ético. Com base nos fundamentos teóricos de Bucci (2018), Bakhtin (2011) e Maingueneau (2008) e a partir da análise do *layout* e identidade visual, bem como de três excertos de matérias publicadas no jornal, chegamos ao seguinte resultado: o *Jornal da Cidade Online* opera uma cenografia que parasita a identidade visual de jornais tradicionais como modelo enquanto opõe sua linha editorial como antimodelo, o que leva à projeção de um *ethos* de jornalismo legítimo que visa à incorporação do público ideologicamente alinhado ao jornal, evidenciando um processo de reorganização discursiva do que se entende, hoje, por prática jornalística.

Este artigo possui algumas limitações da ordem de extensão e recorte do que se selecionou para análise: o fenômeno da corrosão das instituições elementares à manutenção da sociedade democrática é muito amplo e afeta não só o jornalismo, mas também a ciência e a política. Dos recortes realizados, optamos por avaliar como esse fenô-

meno afeta o jornalismo especificamente. Desse enquadramento inicial, selecionamos o *Jornal da Cidade Online* como elemento proeminente na aceleração desse processo (vide a posição do jornal como o mais veiculado entre perfis de WhatsApp nas eleições de 2018).

Outras pesquisas que têm o *Jornal da Cidade Online* como objeto vêm sendo conduzidas atualmente, como o trabalho *Fake news em site noticioso: cenografia, ethos discursivo e estratégias de simulação e resignificação de sentidos*, de Maria Joana Chiodelli Chaise (2022?, no prelo). Consideramos que deve haver um esforço coletivo, sobretudo por parte dos pesquisadores da linguagem e da comunicação, para compreender esses movimentos tectônicos que, insuspeitos, rearranjam as estruturas da nossa sociedade. Trata-se de fenômeno amplo, antigo (embora acelerado e renovado recentemente) e passível de muitas análises por diversos vieses teóricos diferentes.

Esperamos que nosso trabalho consiga contribuir para a compreensão de um processo que ameaça nossa habilidade de discernimento enquanto coletivo. À medida que o mundo se torna um lugar mais complexo e ruidoso, precisamos de todas as ferramentas à nossa disposição para diferenciar lobos de cordeiros, hospedeiros de parasitas, e quem sabe chegar a um ponto de reorganização social em que, dentre as virtudes que pudemos preservar, a sanidade esteja entre elas.

## Referências

AS IMINENTES derrotas de Manuela e Boulos vão soterrar a cantilena das redações esquerdistas. *Jornal da Cidade Online*, [S. l.], 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24894/as-iminentes-derrotas-de-manuela-e-boulos-vo-so-terrar-a-cantilena-das-redacoes-esquerdistas>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de. *Para entender relações públicas*. São Paulo: Loyola, 1983.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Centro Nacional de Epidemiologia. Doenças de interesse para a Saúde Pública. In: *Doenças infecciosas e parasitárias*. Brasília: MS, 2000. p. 23-26. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/GBDIP001\\_total.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/GBDIP001_total.pdf). Acesso em: 10 dez. 2020.

BUCCI, Eugênio. Pós política e corrosão da verdade. *Revista USP*, São Paulo, n. 116, p. 19-30, 2018.

BUCCI, Eugênio. News não são fake. E fake news não são news. In: BARBOSA, Mariana (org.). *Pós-verdade e fake news*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 37-48.

BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BURSZTYN, Victor S.; BIRNBAUM, Larry. Thousands of Small, Constant Rallies: A Large-Scale Analysis of Partisan WhatsApp Groups. In: ASONAM '19: *Proceedings of the 2019 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining*. Vancouver, Canada. August 27-30, 2019. <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3341161.3342905>. Acesso em: 9 dez. 2020.

CHAISE, Maria Joana Chiodelli. Fake news em site noticioso: cenografia, ethos discursivo e estratégias de simulação e resignificação de sentidos. *Revista Em Questão*, Porto Alegre, [2022?]. No prelo.

COPPOLA dá lição de ética na decadente Folha e escancara a "militância" da "mídia do ódio" (veja o vídeo). *Jornal da Cidade Online*, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/21654/coppola-da-licao-de-etica-na-decadente-folha-e-escancara-a-equotmilitanciaequot-da-equotmídia-do-odioequot-veja-o-video>. Acesso em: 15 dez. 2020.

DAHLGREN, P. *Media and Political Engagement citizens, communication, and democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DUARTE, Jorge. *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica*. São Paulo: Atlas, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

HALL, Stuart. A redescoberta da "ideologia": o retorno do recalcado nos estudos da mídia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 379-329.

HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin, discurso e democracia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 93-129.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto, 2001.

LACAPRA, Dominick. Bakhtin, o marxismo e o carnavalesco. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 149-184.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de ethos. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de (org.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b, p. 55-73.

MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola, 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1989.

MCQUAIL, Denis. *Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público*. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOTTA, Ana Raquel. Gênese dos Discursos. *Delta*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 385-392, 2008.

PRESTÍGIO de Bolsonaro vai libertar inocente, mas faz "mídia do ódio" e esquerda "corroerem" de raiva. *Jornal da Cidade Online*, [S. l.], 23 nov. 2020c. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24830/prestigio-de-bolsonaro-vai-libertar-inocente-mas-faz-midia-do-odio-e-esquerda-corroerem-de-raiva>. Acesso em: 15 dez. 2020.

RAMOS, Roberto José. Roland Barthes: Semiologia, Mídia e Fait Divers. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 14, p. 119-127, abr. 2001.

REBELLO, Aiuri. ALVO de CPI, site de fake news com 903 anunciantes perde apoio com campanha. In: UOL. São Paulo, 21 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/21/alvo-de-cpi-site-de-fake-news-com-903-anunciantes-perde-apoio-com-campanha.htm>. Acesso em: 15 dez. 2020.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Parasito, parasita. *Revista de Patologia Tropical*, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 87-90, jan./jun. 1999.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luis Fernando. Jornal da Cidade Online usa perfis apócrifos para atacar políticos e magistrados. *Aos Fatos*. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/jornal-da-cidade-online-usa-perfis-apocrifos-para-atacar-politicos-e-magistrados/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 177-190.

STEARNS, Josh. *Acts of Journalism: defining press freedom in the digital age*. New York: Free Press, 2013. Disponível em: [https://www.freepress.net/sites/default/files/resources/Acts\\_of\\_Journalism\\_October\\_2013.pdf](https://www.freepress.net/sites/default/files/resources/Acts_of_Journalism_October_2013.pdf). Acesso em: 12 out. 2021.

SOBRAL, Adail. O Ato "responsível", ou ato ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. *Signum*, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, jul. 2008.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Porque as notícias são como são. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2020, v. 1.

UNESCO. *Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo*. Paris, 1983. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo>. Acesso em: 11 out. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEY, Hebe. *O Processo de Relações Públicas*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual*. 4. ed. São Paulo: Callis, 2013.

---

### Ernani Cesar de Freitas

Doutor em Letras, Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor (Titular) de Ensino Superior na Universidade Feevale (Feevale), PPG em Processos e Manifestações Culturais, em Novo Hamburgo, RS, Brasil; professor permanente no PPG em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil.

---

### Fernando Simões Antunes Junior

Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista PNPD/CAPES em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Feevale), em Novo Hamburgo, RS, Brasil.

---

### Iverton Gessé Ribeiro Gonçalves

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil. Mestre em Letras pela mesma instituição. Licenciado em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul, RS, Brasil. Professor de Ensino Superior na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus do Araguaia, MT, Brasil.

---

### **Luis Henrique Boaventura**

Doutor em Letras, área de Leitura e Produção Discursiva pela Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil. Bolsista PNPd/CAPES em Letras (UPF). Pesquisador na área de Linguística com ênfase em Análise do Discurso de linha francesa.

---

### **Endereço para correspondência**

#### **Ernani Cesar de Freitas**

Universidade de Passo Fundo  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Campus I - BR 285  
São José, 99052-900  
Passo Fundo, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*